

Walter Bonatti— Senhor das Montanhas

“O maior montanhista de todos os tempos” leva ao máximo a coragem e resistência humanas— e chega ao cume



A O ENTARDECER do dia 20 de fevereiro de 1965, centenas de habitantes da aldeia suíça de Zermatt saíram de casa e se reuniram em grupos silenciosos ao longo da rua principal. Havia uma enorme ansiedade. Com os olhos fixos no majestoso Matterhorn, o imponente cume triangular que domina a aldeia, estavam todos à espera de um sinal.

Um século antes, um inglês chamado Edward Whymper fôra o primeiro a subir ao

alto daquela montanha de 4 508 metros, dando início com isso ao esporte do alpinismo. Daí em diante dezenas de milhares de montanhistas chegaram a

Zermatt para escalar-lhe as alturas, quase sempre pelo lado sul, que era relativamente fácil.

Mas, naquela ocasião, o grande alpinista italiano Walter Bonatti estava tentando o que os montanhistas experimentados chamavam “o impossível”—uma *diretissima*, uma ascensão em linha reta da face norte da montanha escarpada e coberta de gelo, uma rota perpendicular a tal ponto que os guias diziam que era “a rota que uma gota de água tomaria”. Ninguém até então havia tentado essa ascensão direta de



1 080 metros, no rigor do inverno.

Havia dois dias que a gente de Zermatt acompanhava com binóculos e telescópios o minúsculo vulto que pouco a pouco avançava. Vestido com um casaco de couro amarelo, perneiras vermelhas até aos joelhos e uma carapuça de meia vermelha na cabeça, parecia um estranho inseto a subir por um imenso muro branco.

Os habitantes da aldeia esperaram em silêncio o sinal noturno de Bonatti: um fogo verde se fôsse continuar; vermelho se fôsse voltar. Às oito horas em ponto, um leve arco de luz verde brilhou no alto da escarpa. Bonatti não ia desistir.

Acampado a 3 700 metros de altura, com as luzes de Zermatt cintilando lá embaixo, Bonatti ficou tremendo de frio na sua “cama”—uma rêde, suspensa no espaço, de cordas amarradas a dois *pitons** cravados no paredão de pedra. Se um *piton* se desprendesse ou a corda se quebrasse, êle se precipitaria para a morte na Geleira de Piefmatten, mais de 800 metros abaixo. Bonatti derreteu um pouco de neve no seu fogareiro de álcool, fêz uma xícara de café e comeu alguns bocados de biscoitos e de carne de camurça sêca.

O frio era cortante. O frio—a temperatura estava abaixo de zero—fizera estalar os óculos de sol de Bonatti, deixando-o quase cego, en-

* *Piton* é um espigão de aço com uma argola numa das pontas, na qual se pode prender um gancho de pressão e depois uma corda. Cravado numa fenda ou grêta, é o instrumento essencial do alpinista.

quanto rajadas geladas fustigavam a escarpa. Tinha os dedos inflamados, rachados e sangrando, pois êle fazia a escalada a maior parte do tempo sem luvas, preferindo sentir cada projeção e fenda de rocha com as mãos nuas, a fim de experimentar-lhes a resistência. Até encontrar um lugar em que pudesse firmar os dedos ou cravar um *piton*, tinha muitas vezes de quebrar, com um machado, o gelo que se encontrava acima dêle.

Naquela noite, para impedir que seus dedos se congelassem, foi obrigado a fazer o mesmo que fizera na noite anterior: esforçou-se por ficar acordado, e ficou batendo com os pés na encosta da montanha para manter nêles a circulação do sangue. Já estava a 38 horas sem dormir.

No dia seguinte, o terceiro da ascensão, Bonatti recomeçou penosamente a sua marcha para o alto. Foi então que mais sentiu a solidão, e teve de falar com o ursinho de brinquedo, que o filho de um amigo lhe dera como mascote. Por fim, tão exausto que mal podia ver, encontrou uma pequena cavidade para o seu acampamento final. Ali cochilou, acordando de vez em quando, com a consciência de que o dia seguinte poria têrmo ao seu sofrimento—de uma maneira ou de outra.

Logo que amanheceu o quarto dia, Bonatti olhou para cima. Sem poder ver o cume, consultou o seu altímetro portátil e calculou que ainda restavam 378 metros para escalar. Tratava-se, porém, de um trecho traiçoeiro de rocha gelada,

que se projetava para fora e que, sem dúvida, lhe esgotaria as últimas reservas de fôrça. Para diminuir a carga que levava, e que pesava 30 quilos no início da ascensão, e com o intuito de preparar-se para a arremetida final, jogou fora a maior parte das provisões que lhe restavam e do equipamento secundário.

Às 15h 12m daquele dia, os espectadores que evoluíam em pequenos aviões e helicópteros perto do cume tiveram uma visão comovente e triunfal. Bonatti havia dominado a última saliência da montanha no seu caminho e estava na base de um breve campo de neve que subia em rampa para o pináculo do Matterhorn. O alpinista olhou por algum tempo a cruz de ferro de 1,80 m, levantada na crista da montanha, em memória das dezenas de alpinistas que haviam perdido a vida ali. Em seguida, como se estivesse hipnotizado, avançou trôpegamente através da neve em direção à cruz, com os braços estendidos. Quando a atingiu, ajoelhou-se e abraçou-a.

Walter Bonatti vencera. A mais arrojada ascensão da história do alpinismo—79 horas de esforço sôbrehumano—estava terminada.

A CONQUISTA *direttissima* do Matterhorn pelo lado norte firmou o conceito de Bonatti como o maior alpinista vivo do mundo. O jornal francês *Le Figaro* considerou-o o maior de todos os tempos. Outros órgãos da imprensa européia chamaram ao italiano de 35 anos “o bravo dos

bravos”, “o alpinista incomparável” e “o deus das montanhas”.

Já antes da sua vitória no Matterhorn, as façanhas de montanhismo de Bonatti haviam tornado legendário o seu nome. Escalava êle os maiores paredões e picos do maciço do Monte Branco nos Alpes, traçando caminhos para muitas e mais difíceis rotas de ascensão. Subira aos mais altos cumes dos Andes Peruanos, na América do Sul. Quando tinha apenas 23 anos, fôra escolhido para fazer parte da expedição italiana que alcançara o alto do K-2, a montanha do Himalaia que, com 8 610 metros de altura, só é superado pelo Evêrest como a mais alta do mundo.

A carreira de montanhista de Bonatti tem sido repleta de perigos cruciantes e de salvagens miraculosas. Em 1956, quando tentava a escalada do Monte Branco por um pico chamado o Poire, dois dos seus três companheiros morreram de frio e esgotamento. O próprio Bonatti, quando atravessava uma geleira, caiu da altura de 18 metros numa fenda e ficou pendurado de cabeça para baixo na ponta de uma corda amarrada a um companheiro. Êste, embora estivesse com os pés ulcerados pelo frio, firmou-se e manteve a sua posição, enquanto Bonatti subia pela corda até lugar seguro.

Um dos episódios mais terríveis em que Bonatti se viu envolvido, ocorreu durante a escalada do K-2. Um guia hunza perdeu de repente o juízo em conseqüência do frio e da

exaustão e começou a correr alucinado, brandindo um machado de gêlo. Bonatti atracou-se repetidamente com o homem, fazendo-o cair e mantendo-o na neve. Uma vez, êle impediu o guia de atirar-se num precipício. Ambos conseguiram, por fim, voltar a um acampamento, 450 metros abaixo.

As extraordinárias qualidades de coragem, resistência e iniciativa de Bonatti sempre o tiraram de situações difíceis nas quais outros alpinistas morreram ou perderam a razão. Um exemplo notável disso ocorreu em 1955, durante uma ascensão da projeção sudoeste do Petit Dru, um pico de rocha vermelha de 3 732 metros perto do Monte Branco. Já havia tentado duas vêzes escalá-lo com outros alpinistas. Em ambas as ocasiões êles tinham sido forçados a voltar, numa delas por uma avalanche que os arrastara quase para a morte. Depois de uma terceira tentativa mal sucedida que fizera sòzinho, Bonatti resolveu fazer mais um esforço—e de nôvo sòzinho.

Mas a má sorte o perseguiu desde o início. Logo no primeiro dia machucou um dedo quando cravava um *piton* na face da rocha. Apesar da dor, continuou a subir, agarrando-se com as mãos, pelo paredão abrupto coberto de gêlo. Descobriu naquela noite que um *piton* furara o seu fogareiro de álcool dentro da mochila. Metade das suas provisões estavam ensopadas de álcool e tiveram de ser jogadas fora. Mais grave ainda era o fato de não poder mais

derreter a neve e fazer um pouco de café ou chá quentes.

Quatro dias depois passou pela prova mais severa. Suspenso de uma corda amarrada a um *piton*, havia-se balançado em tórno de uma saliência bojuda da pedra e foi firmar os pés numa estreita cornija. Mas a projeção de pedra acima dêle era tão grande que lhe seria impossível escalá-la. Não via também meio algum de descer diretamente ou de voltar pelo caminho que tomara. Ao mesmo tempo, estendia-se diante dêle um abismo de 12 metros de largura e não se sabia quantas centenas de metros de profundidade.

Bonatti fechou os olhos numa prece silenciosa e começou a analisar a sua situação com frieza. Conseguira várias vêzes lograr a morte; talvez o conseguisse de nôvo.

Avistou do outro lado do abismo vários pequenos esporões de pedra que se erguiam como dedos. Poderia prender entre êles uma corda com pesos? E, se pudesse, teriam os esporões resistência suficiente para sustentá-lo, quando êle se jogasse? Não havia outro remédio senão experimentar.

Bonatti colocou *pitons* e argolas numa ponta da corda para dar-lhe pêso. Em seguida, jogou essa ponta através do vácuo. Não acertou nos esporões. Tornou a tentar e a errar. Só ao fim de 10 tentativas conseguiu prender a corda entre dois esporões. Mas, quando a puxou, a corda se soltou. Continuou a tentar. Por fim, a corda voltou a ficar prêsa. Deu-

lhe um firme puxão. A corda não saiu do lugar.

Bonatti prendeu a respiração e lançou-se no espaço, fortemente agarrado à corda. Teve por um instante a impressão de que não ia parar de cair. Foi então que houve uma sacudidela e êle se viu balançando como uma truta na ponta da linha de um pescador. Os esporões de pedra haviam resistido!

Subiu então cuidadosamente pela corda com as mãos até atingir uma estreita prateleira onde pôde firmar os pés. O pior havia passado. Conseguira transpor o abismo.

Restavam, porém, outras dificuldades. Logo depois, quando procurava cravar um *piton* na face da rocha, um grande pedaço de pedra se desprende e bateu-lhe na perna. Embora ficasse com a perna entorpecida, continuou a subir. Afinal, depois de seis dias e cinco noites, chegou ao cume, sendo o primeiro e único homem que o escalou sozinho. Essa rota de sudoeste para o alto do Petit Dru tem hoje, em honra dêle, o nome de Pilar Bonatti.

POR QUE Walter Bonatti se sujeita a provações quase insuportáveis e arrisca a vida para escalar os picos das montanhas? Uma explicação é que as montanhas exercem sôbre êle uma atração mística. Bonatti escreveu num dos seus livros: "Creio nas lições que a Natureza pode dar-nos. Estou convencido por isso de que a montanha, com a sua beleza e as suas leis inflexíveis, é mais do que nunca

uma das melhores escolas do caráter. No alto das montanhas aprende-se verdadeiramente a sofrer . . . e a resistir. O alpinismo é de fato uma luta e uma vitória dentro de nós.”

Isso não quer dizer que Bonatti não sinta medo. Ao contrário, a escalada lhe dá a exaltação de enfrentar o medo puro e vencê-lo. A sua vitória é a elevação espiritual que lhe advém de forçar o corpo a proezas que ultrapassam a capacidade humana comum. “Quem não sente medo nas montanhas deve tomar cuidado”, diz êle. “A ausência do medo priva a pessoa da suprema alegria de dominá-lo.”

BONATTI, que ganha a vida escrevendo e fazendo conferências, nunca inicia uma ascensão antes de semanas de rigorosa preparação. No caso do Matterhorn, elaborou os seus planos com meses de antecedência, examinando fotografias e mapas e lendo estudos sobre os estratos de rochas. Durante os meses de janeiro e fevereiro, dedicou-se a fazer exercícios, ficando de pernas para o ar sobre as mãos e sobre a cabeça, e praticando nas paralelas para adquirir fôrça e agilidade; apertava bolas de borraça e máquinas de medir fôrça para aumentar a resistência dos dedos, e ziguezagueava por ladeiras em esquis para dar firmeza aos tornozelos. Bonatti tem 1,68 m de altura e 70 kg de peso. Para enrijar o corpo contra o áspero frio, dormiu 10 noites ao ar livre em temperaturas abaixo de zero. (O coração de Bonatti bate

40 vêzes por minuto, quando a média é de 75 vêzes, e os seus glóbulos brancos se renovam com mais rapidez do que os do homem comum. Êsses fatos concorrem para explicar sua resistência e invulnerabilidade ao frio.)

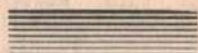
Todos os dias, num paredão de montanha (a que chama o seu “gimnásio”) perto da sua casa em Courmayeur, nos Alpes Italianos, praticava escalada, descida e travessia da superfície abrupta, independentemente das condições atmosféricas. Nesses exercícios de escalada, não utiliza *pitons*, nem quaisquer auxílios. Agarrando-se com os dedos às menores fendas e falhas, apegando-se ao paredão de pedra com as pernas musculosas, sobe com uma graça felina e uma perícia que faz tudo parecer fácil.

Quando chega o momento de iniciar uma ascensão de verdade, Bonatti está completamente preparado, não apenas física, mas também mentalmente. “Quando me preparava para a ascensão do Matterhorn, vivia como se estivesse em estado de graça”, escreveu êle depois. “Via nos meus sonhos um Matterhorn mais belo, mais vivo, mais atraente.”

QUANDO Bonatti desceu do Matterhorn depois da sua ascensão épica (utilizou para descer a rota fácil do sul), os aviões evoluíram sobre êle, inclinando a asa para saudá-lo. Quando chegou a Zermatt, foi recebido com bandas de música e foguetes como um grande herói. Choveram

do mundo inteiro as felicitações. Pouco depois, o Presidente da Itália, Giuseppe Saragat, ofereceu-lhe uma medalha de ouro cunhada em honra dêle. Acompanhava a me-

dalha uma citação que comoveu Bonatti até às lágrimas. Dizia: "Walter Bonatti tornou-se um símbolo da superioridade do espírito do homem sôbre as coisas materiais."



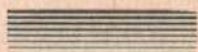
Lamento de Uma Secretária: "Apesar dos jatos, dos mísseis e dos satélites, nada passa mais depressa do que os 20 dias de férias". (E. W.)

Advertência: Se os criadores de maiôs femininos não tiverem cuidado, acabarão sem ter o que fazer! (*Sheraton-Park Hotel News*)

Conversa Inocente: "Mas, madame, parecer ridícula é a moda êste ano!" (M. C.) . . . Caçador de dotes: "Adoro o chão que ela pisa—e a propriedade que ela possui no campo também" (R. S.) . . . Garôta na praia: "Que pêso! Deixei minha roupa de banho na outra carteira!" (D. T.)

Ajuda Oficial: Uma transfusão em que tiramos sangue de nosso braço direito e injetamos no esquerdo . . . e durante o processo perdemos 90% (M. M.)

Anúncio de Companhia de Financiamento: "Consulte-nos sôbre o nosso plano para adquirir a sua casa". (A. R.)



JOVEM ao empregador: "Não espero começar do alto, mas gostaria de começar pelo menos um degrau acima da automatização!"

—Lichty, Publishers Newspaper Syndicate

PRESIDENTA de ar senhoril a auditório de clube feminino: "O relatório de nosso comitê sôbre 'Solução dos Problemas Mundiais' não será apresentado hoje porque três sócias não conseguiram quem ficasse tomando conta dos filhos."

—Dick Turner, Newspaper Enterprise Assn.

MENINO à mãe que o estava lavando para o jantar: "Puxa vida, mãe! Vou só comer—não vou operar o cérebro de ninguém!"

—Harry Mace, em *Family Circle*

PATRÃO à secretária que vai saindo da sala: "Gostaria que a senhora entendesse que, cada vez que a campainha dá sua máquina de escrever soa, não significa que está na hora de tomar cafézinho."

—Bo Brown, *King Features*

HOMEM, num banco de parque, a menino pequeno: "E você é a pequena explosão populacional de quem?"

—Gardner Rea, em *Medical Tribune*

“ENTRE ASPAS”

NA ORDEM dada, são estas as coisas mais difíceis de controlar: vinho, mulheres e música.

—Franklin P. Adams, citado em
International Celebrity Register, compil. por Cleveland Amory (Celebrity Register, ed.)

EM MATÉRIA de redução de impôsto de renda, nunca tão pouco foi esperado por tantos por tanto tempo.

—*Farm Journal*

O OBJETIVO primordial da educação não é ensinar a pessoa a ganhar o seu pão, mas a tornar cada bocado mais doce.

—James Angell

QUANDO tudo tem de estar certo, há alguma coisa errada.

—Stanislaw J. Lec, *Unkempt Thoughts* (St. Martin's, ed.)

TALVEZ haja apenas um pecado capital: a impaciência. Devido à impaciência, fomos expulsos do Paraíso; devido à impaciência, não podemos voltar.

—Franz Kafka

HOUE época em que haver progresso deve ter sido muito bom, mas agora está durando demais.

—Odgen Nash, *Everyone But Thee and Me* (Little, Brown, ed.)

AS PESSOAS que possuem alguma fôrça de caráter carregam consigo, como os planêtas, sua atmosfera em suas órbitas.

—Thomas Hardy

AS CRIANÇAS começam por perguntar coisas aos pais, e não ouvem realmente as respostas; e acabam por dar respostas aos pais sem sequer ouvirem as perguntas.

—Sydney J. Harris, Publishers Newspaper Syndicate

É MELHOR assobiar ao passar pelo cemitério do que fechar os olhos e gritar.

—Orville Prescott, em *Times* de Nova York

ORAÇÃO de Ação de Graças: Ó Vós que nos destes tanto, concedei-nos por misericórdia mais uma coisa—um coração agradecido.

—George Herbert